



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

A QUESTÃO DE GÊNERO E A (IN)SEGURANÇA DO ASSISTENTE SOCIAL NOS CENTROS DE REFERÊNCIA À PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA

THE ISSUE OF GENDER AND THE (IN)SAFETY OF SOCIAL WORKERS AT HOMELESS PEOPLE'S REFERENCE CENTERS

LA CUESTIÓN DE GÊNERO Y LA (IN)SEGURIDAD DE LOS TRABAJADORES SOCIALES EM LOS CENTROS DE REFERENCIA DE PERSONAS SIN HOGAR

Letícia Alves Carvalho¹, Carla Denari Giuliani²

e473497

<https://doi.org/10.47820/recima21.v4i7.3497>

PUBLICADO: 07/2023

RESUMO

Objetivo: Analisar a temática gênero no Serviço Social, com enfoque na segurança do assistente social que atua em um Centro Especializado de atendimento para Pessoa em Situação de Rua, no município de Uberlândia/MG. Método: Realizado através de pesquisa bibliográfica, com aplicação de questionário e entrevista semiestruturada. Para explanar e confrontar os dados foi utilizado o *software* IramuteQ e para a análise dos dados produzidos, a Análise Temática de Bardin. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CAAE: 63960822.0.0000.5152. Resultados: A totalidade (100%) de entrevistadas é do gênero feminino, sendo que estas declaram frequentemente ou sempre sentirem insegurança no ambiente de trabalho. Conclusão: A partir da análise de relatos, foi possível identificar o comprometimento da saúde do trabalhador aliado à questão de gênero, com implicações quanto à segurança do assistente social no ambiente de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Serviço Social. Saúde do Trabalhador.

ABSTRACT

Objective: To analyze the theme of gender in Social Work, focusing on the safety of social workers who work in a Specialized Center for Homeless People in the city of Uberlândia/MG. Method: Conducted through bibliographic research, with application of questionnaire and semi-structured interview. To explain and compare the data, the IramuteQ software was used and for the analysis of the data produced, Bardin's Thematic Analysis. The research was approved by the Research Ethics Committee – CAAE: 63960822.0.0000.5152. Results: All (100%) of the interviewees are female, and they often or always feel insecure in the work environment. Conclusion: From the analysis of reports, it was possible to identify the impairment of the health of the worker allied to the issue of gender, with implications for the safety of the social worker in the work environment.

KEYWORDS: Gender. Social Service. Worker's health.

RESUMEN

Objetivo: Analizar el tema de género en el Trabajo Social, centrándose en la seguridad de los trabajadores sociales que actúan en un Centro Especializado para Personas sin Hogar en la ciudad de Uberlândia/MG. Método: Realizado a través de investigación bibliográfica, con aplicación de cuestionario y entrevista semiestructurada. Para explicar y comparar los datos, se utilizó el software IramuteQ y para el análisis de los datos producidos, el Análisis Temático de Bardin. La investigación fue aprobada por el Comité de Ética en Investigación – CAAE: 63960822.0.0000.5152. Resultados: Todos (100%) de los entrevistados son mujeres, y a menudo o siempre se sienten inseguras en el ambiente de trabajo. Conclusión: A partir del análisis de los relatos, fue posible identificar el deterioro de la salud del trabajador aliado a la cuestión de género, con implicaciones para la seguridad del trabajador social en el ambiente de trabajo.

PALABRAS CLAVE: Género. Servicio Social. Salud del trabajador.

¹ Universidade Federal de Uberlândia - UFU.

² Graduada em Enfermagem e Obstetrícia, mestra em Ciências Fisiológicas e doutora em História e Cultura. Professora associada I da Universidade Federal de Uberlândia.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A QUESTÃO DE GÊNERO E A (IN)SEGURANÇA DO ASSISTENTE SOCIAL NOS CENTROS DE REFERÊNCIA À PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA
Letícia Alves Carvalho, Carla Denari Giuliani

INTRODUÇÃO

Partindo de uma breve reflexão sobre a questão de gênero, nota-se que a ênfase dos estudos se dá a partir da concepção do feminino. Simone de Beauvoir (1999 *apud* MANO, 2019), aponta que o gênero não é biológico-natural, mas um constructo social. Em outras palavras, “ser homem” ou “ser mulher” não é um dado natural, mas performático e social, de maneira que, ao longo da história, cada sociedade criou os padrões de ação e comportamento de determinado gênero.

A filósofa Simone de Beauvoir, que em 1949 escreveu o livro “O Segundo Sexo”, daria um novo impulso à reflexão sobre as desigualdades entre homens e mulheres nas sociedades modernas acerca do porquê do feminino e das mulheres serem concebidas dentro de um sistema de relações de poder que tendia a inferiorizá-las. É dela a famosa frase “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Com esta formulação, ela buscava descartar qualquer determinação “natural” da conduta feminina.

Assim, o modo como homens e mulheres se comportam em sociedade corresponde a um intenso aprendizado sociocultural que nos ensina a agir conforme as prescrições de cada gênero. Há uma expectativa social em relação à maneira como homens e mulheres devem andar, falar, sentar-se, mostrar seu corpo, brincar, dançar, namorar, cuidar do outro, amar etc. Conforme o gênero, também há modos específicos de trabalhar, gerenciar outras pessoas, ensinar, dirigir o carro, gastar o dinheiro, ingerir bebidas, dentre outras atividades.

Percebe-se, pois, que a premissa da “feminização” de determinados papéis, atividades e profissões faz parte de estratégias de produção e reprodução do capital voltadas para a desqualificação da força de trabalho, neste caso específico, da mulher (CISNE, 2004, p. 11).

No Serviço Social, se observarmos com atenção, veremos a distribuição de homens e mulheres no mercado de trabalho e as desigualdades decorrentes podem ser socialmente compreendidas e atribuídas às assimetrias de gênero.

Apropriando-se dos estudos realizados por Lisboa (2010 *apud* BORGES, 2017, p. 04), têm-se que “as mulheres representam cerca de 95% da categoria profissional, além do assistente social ter como sujeitos de atenção no cotidiano profissional majoritariamente mulheres”. Corroborando com a afirmação supramencionada os Censos Demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, realizados nos anos de 1980, 1990 e 2000, onde a profissão do Serviço Social se apresenta entre as cinco profissões mais femininas do Brasil.

Mesmo com dificuldades para definições e delimitação – pois os estudos de gênero no Serviço Social não são aprofundados – são claras na composição da realidade profissional que o trabalho profissional em Serviço Social foi e é basicamente exercido no meio de mulheres e por mulheres (FAURY, 1998).

Enfatiza-se, que para o Serviço Social, a “feminização” do labor, implica então em uma “superexploração” sobre as atividades, tanto na esfera pública quanto na privada, pela desvalorização, subordinação e exploração intensificada.

Para o assistente social que trabalha no âmbito do Sistema Único de Assistência Social – SUAS, em especial com a População em Situação de Rua, a realidade não é diferente. A



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A QUESTÃO DE GÊNERO E A (IN)SEGURANÇA DO ASSISTENTE SOCIAL NOS CENTROS DE REFERÊNCIA À PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA
Letícia Alves Carvalho, Carla Denari Giuliani

precarização do trabalho pode ser assinalada na falta de condições materiais e instalações físicas adequadas para a prestação de serviços aos usuários, pela alta rotatividade dos profissionais, recursos humanos insuficientes e pouco qualificados, ausência da realização de capacitação continuada, exigência de produtividade, além da realização de tarefas cada vez mais mecânicas e burocráticas, através de um intenso processo de preenchimento de formulários (CISNE, 2004). Além disso, não é incomum encontrar nos relatos dos assistentes sociais, questões que denotam insegurança no ambiente de trabalho, tendo como exemplo situações de ameaça iminente à vida, a exposição à riscos à integridade, dentre outros (VICENTE, 2015).

Neste cenário, observa-se que o modo de produção capitalista impacta significativamente no campo das relações de trabalho e que as transformações ocorridas nas últimas décadas, não vieram acompanhadas da preocupação quanto ao adoecimento daqueles que vivem do trabalho (MOTA, 2011).

É também neste cenário, que se encontra a Saúde do Trabalhador, entendida como:

[...] conjunto de atividades do campo da saúde coletiva que se destina, por meio das ações de vigilância epidemiológica e vigilância sanitária, à promoção e proteção da saúde dos trabalhadores, assim como visa à recuperação e reabilitação da saúde dos trabalhadores submetidos aos riscos e agravos advindos das condições de trabalho (www.gov.br).

Por esta perspectiva, é possível denotar que a construção de gênero e a “feminização” do trabalho do assistente social tem estreita relação com o campo Saúde do Trabalhador, reverberando na saúde física e mental destes trabalhadores, demonstrada nas questões de insegurança no ambiente laboral.

MÉTODO

Para analisar as condições de trabalho do assistente social que atua em um Centro Especializado de atendimento para Pessoa em Situação de Rua, o método dialético foi utilizado. No que se refere a abordagem, foi utilizada a combinação das abordagens quantitativa e qualitativa. Para efeitos práticos, o processo teve abordagem descritiva, na cidade de Uberlândia, no interior de Minas Gerais, Brasil.

A saturação teórica – de acordo com os escritos de Fontanella; Turato (2008) – foi utilizada como técnica de análise temática, com a finalidade de produção de dados e por contemplar o número amostral de entrevistadas, quando não havia mais categorias temáticas que acrescentassem dados pertinentes a pesquisa.

A pesquisa foi realizada por etapas e a população de estudo foi definida através de uma seleção intencional, ou seja, as entrevistadas foram abordadas através do julgamento das pesquisadoras. Todas as assistentes sociais que atuam em um Centro Especializado de atendimento para Pessoa em Situação de Rua em Uberlândia/MG foram arguidas, interpeladas no próprio equipamento público, totalizando 05 (cinco) entrevistas. As entrevistadas possuíam acima de 18 anos, tinham registro ativo na 6ª Região do Conselho Regional de Serviço Social – CRESS e foram

RECIMA21 - Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A QUESTÃO DE GÊNERO E A (IN)SEGURANÇA DO ASSISTENTE SOCIAL NOS CENTROS DE REFERÊNCIA À PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA
Letícia Alves Carvalho, Carla Denari Giuliani

incluídos, independente do vínculo (servidor estatutário, comissionado ou contratado) e do tempo de trabalho na instituição.

Foi excluído da entrevista apenas uma assistente social, que exercia somente o cargo de coordenação – executava apenas atividades administrativas e não efetuava atendimento às pessoas em situação de rua. Nenhuma assistente social recusou a participar da pesquisa.

A primeira etapa, constituiu-se na aplicação de um instrumental (questionário) intitulado de Escala de Avaliação do Contexto do Trabalho – EACT. O EACT é um instrumento psicométrico desenvolvido e validado por Ana Magnólia Mendes e Mário Cesar Ferreira, da Universidade de Brasília – UNB, para diagnosticar as condições, a organização e as relações socioprofissionais de trabalho sob a ótica dos próprios trabalhadores via escala likert.

Essas dimensões são denominadas, definidas e caracterizadas do seguinte modo: a) Organização do Trabalho (OT): É constituída pelos elementos prescritos (formal ou informalmente) que expressam as concepções e as práticas de gestão de pessoas e do trabalho presentes no *locus* de produção e que balizam o seu funcionamento; b) Condições de Trabalho (CT): É constituída pelos elementos estruturais que expressam as condições de trabalho presentes no *locus* de produção e caracterizam sua infraestrutura, apoio institucional e práticas administrativas; c) Relações Socioprofissionais (RS): É constituída pelos elementos interacionais que expressam as relações socioprofissionais de trabalho, presentes no *locus* de produção e caracterizam sua dimensão social (FERREIRA; MENDES, 2008).

Na aplicação do questionário foi utilizado o aplicativo de pesquisa Google Forms. Antes do acesso ao questionário propriamente dito, as entrevistadas tiveram acesso na íntegra ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, onde assinalaram se concordavam ou não com a sua participação na pesquisa, para só então prosseguir.

A segunda etapa consistiu em uma entrevista semiestruturada, considerando fundamental a interação entre os pesquisadores e os participantes da pesquisa. A entrevista semiestruturada, continha questões fechadas e “[...] questões abertas, disparadoras, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (GOMEZ, 2007, p. 64). Precedendo à entrevista, foi novamente apresentado o TCLE, onde as entrevistadas retomaram as informações necessárias para o aceite de sua participação.

As perguntas foram baseadas na trajetória e experiência das pesquisadoras para esse tema e as falas foram registradas através de áudio-gravação em aparelho celular. Além disso, foi realizada observação assistemática, que permitiu registrar gestos, expressões faciais, postura, entre outros sinais emitidos fisicamente no processo de comunicação durante a entrevista.

Na última etapa – resultados e discussão – que serão apresentados nos próximos tópicos – foram examinados e articulados os dados da primeira e da segunda etapa, e realizou-se uma análise e tratamento do material empírico e documental, compreendendo, interpretando e valorizando os dados e articulando-os com a teoria (primeira etapa).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A QUESTÃO DE GÊNERO E A (IN)SEGURANÇA DO ASSISTENTE SOCIAL NOS CENTROS DE REFERÊNCIA À PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA
Letícia Alves Carvalho, Carla Denari Giuliani

Com intuito de explanar e confrontar os dados foi utilizado o software IramuteQ para formação de um cluster, organizado por meio da análise lexical, a partir da estrutura do léxico, sem interferência direta das pesquisadoras. Para a análise dos dados produzidos foi utilizada a Análise Temática em Bardin (2012). Importa salientar que o presente estudo utiliza de dois instrumentos de produção de dados – o questionário e a entrevista – promovendo, desse modo, a análise de conteúdo que será utilizada separadamente em cada fonte de dados, para posterior cotejamento.

RESULTADOS

Conforme salientado anteriormente, a pesquisa teve como objetivo analisar a temática gênero no Serviço Social, com enfoque na segurança do assistente social que atua em um Centro Especializado de atendimento para Pessoa em Situação de Rua, no município de Uberlândia/MG.

No sentido de resguardar o sigilo das identidades das participantes da pesquisa, todas receberam números. A ordem da numeração segue a cronologia da devolutiva da EACT e a realização das entrevistas seguiu esta mesma ordem. As entrevistas foram realizadas no próprio espaço de trabalho das assistentes sociais – ou seja no Centro POP – em sala ampla, onde funciona uma sala de atendimento ao público, que nos dias da entrevista estava reservada exclusivamente para este fim.

Para coleta dos dados, inicialmente foi enviado para todos as entrevistadas, via Google Forms o TCLE e a EACT, sendo que todas aceitaram participar da pesquisa. Em seguida, aplicou-se a entrevista semiestruturada, onde as questões disparadoras versaram sobre o trabalho do assistente social no Centro POP e suas dificuldades, sobre as condições de gênero na profissão, sobre a execução de algum trabalho além do desenvolvido no Centro POP e sobre a Resolução do Conselho Federal de Serviço Social – CFESS nº 493/2006 – que dispõe sobre as condições éticas e técnicas do exercício profissional do assistente social.

Para análise dos dados foi usada a sequência proposta no método de Bardin – Análise de Conteúdo – e para tanto, para compreensão dos dados qualitativos coletados nas entrevistas semiestruturadas, foi utilizado o *software* IramuteQ.

Na Nuvem de Palavras (figura 1), têm-se uma avaliação geral da percepção dos atores sociais do estudo, e é possível notar que as principais palavras utilizadas pelas entrevistadas foram: homem, social, mulher, chegar, casa, fechado, sigilo, porta, sentido, exemplo e atendimento.

Figura 1 DESTAQUE DAS PALAVRAS NAS DIVERSAS CLASSES





RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A QUESTÃO DE GÊNERO E A (IN)SEGURANÇA DO ASSISTENTE SOCIAL NOS CENTROS DE REFERÊNCIA À PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA
Letícia Alves Carvalho, Carla Denari Giuliani

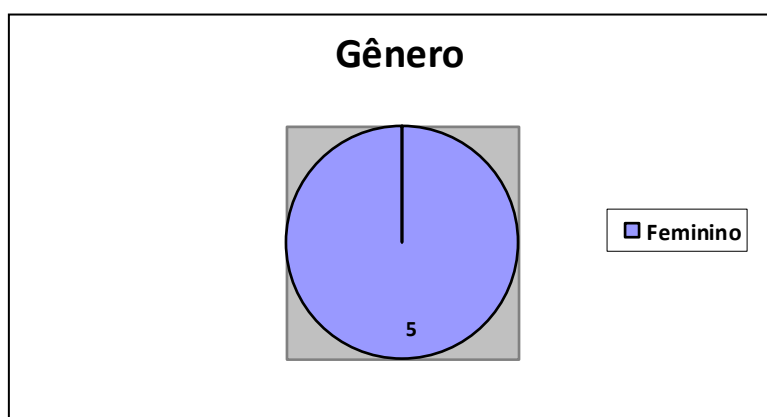
Classe 1 – Condição de gênero no Serviço Social	Classe 2 – Trabalho doméstico	Classe 3 – Condições éticas e técnicas do exercício profissional do assistente social	Classe 4 – Ambiente de trabalho e as dificuldades que o assistente social encontra
---	----------------------------------	--	---

Fonte: Elaborado pelas autoras, mediante dados retirados das entrevistas (2023)

Na análise das falas, os conteúdos foram organizados, e da exploração do material, emergiram as categorias: Classe 1 – Condição de gênero no Serviço Social; Classe 2 – Trabalho doméstico; Classe 3 – Condições éticas e técnicas do exercício profissional do assistente social; Classe 4 – Ambiente de trabalho e as dificuldades que o assistente social encontra.

Neste artigo – para cumprimento integral dos objetivos – far-se-á um recorte nos dados coletados, dando-se enfoque nas classes 1 e 3, visto que as entrevistadas apontaram a insegurança como um dos principais fatores causadores de adoecimento no ambiente de trabalho, impulsionado pelo atendimento realizado de “porta fechada”, que ocorre em virtude das exigências previstas na Resolução nº 493/2006 do Conselho Federal do Serviço Social – CFESS, que em seu artigo 3º versa sobre questões éticas e técnicas no exercício profissional.

Gráfico 1 Representação da categoria feminino e masculino



Fonte: Elaborado pelas autoras, mediante dados retirados das entrevistas aplicadas em janeiro de 2023

Quanto à faixa etária (gráfico 2), têm-se que as entrevistadas possuem de 30 a 59 anos – assentindo com o que demarca o maior percentual da força de trabalho no país (IBGE, 2015).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A QUESTÃO DE GÊNERO E A (IN)SEGURANÇA DO ASSISTENTE SOCIAL NOS CENTROS DE REFERÊNCIA À PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA
Letícia Alves Carvalho, Carla Denari Giuliani

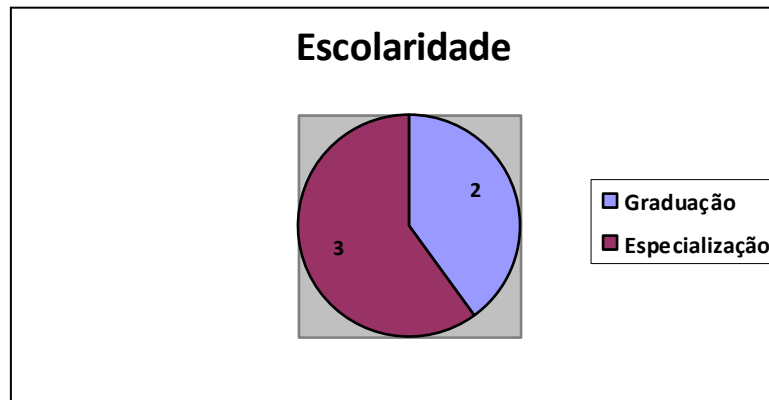
Gráfico 2 Representação da faixa etária



Fonte: Elaborado pelas autoras, mediante dados retirados das entrevistas aplicadas em janeiro de 2023

No que diz respeito a escolaridade, duas (02) entrevistadas possuem apenas a graduação em Serviço Social, enquanto as outras três (03) possuem título de especialistas (gráfico 3).

Gráfico 3 Representação da escolaridade



Fonte: elaborado pelas autoras, mediante dados retirados das entrevistas aplicadas em janeiro de 2023

Sobre estado civil, temos duas (02) entrevistadas casadas, duas (02) divorciadas e uma (01) amasiada (gráfico 4).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A QUESTÃO DE GÊNERO E A (IN)SEGURANÇA DO ASSISTENTE SOCIAL NOS CENTROS DE REFERÊNCIA À PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA
Letícia Alves Carvalho, Carla Denari Giuliani

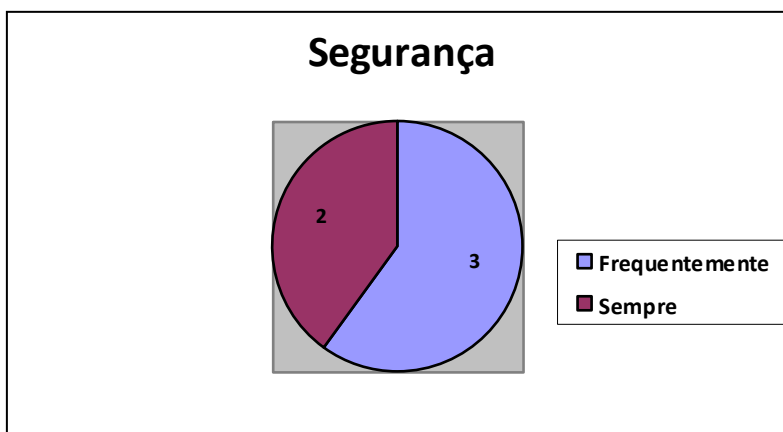
Gráfico 4 Representação do estado civil



Fonte: Elaborado pelas autoras, mediante dados retirados das entrevistas aplicadas em janeiro de 2023

Conforme explicitado no gráfico 5 – três (03) entrevistadas relatam frequentemente sentir insegurança no trabalho e duas (02) sempre sentirem.

Gráfico 5 Representação das condições de trabalho oferecendo risco à segurança dos trabalhadores



Fonte: Dados retirados do questionário EACT aplicado pelas autoras em janeiro de 2023

DISCUSSÃO

Após a transcrição e leitura criteriosa das respostas da entrevista semiestruturada, bem como do agrupamento dos dados da EACT, no que tange a Classe 1 - Condição de gênero no Serviço Social, os resultados encontrados evidenciam e corroboram com o mencionado precedentemente nos estudos de Lisboa (2010, *apud* BORGES, 2017, p. 04), onde têm-se que “as mulheres representam



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A QUESTÃO DE GÊNERO E A (IN)SEGURANÇA DO ASSISTENTE SOCIAL NOS CENTROS DE REFERÊNCIA À PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA
Letícia Alves Carvalho, Carla Denari Giuliani

cerca de 95% da categoria profissional” e também com o indicado no site do CRESS (www.cress-sp.org.br) que apresenta que “as mulheres são a maioria entre assistentes sociais no Brasil”.

Essa população constituída exclusivamente de profissionais mulheres, lembra um detalhe histórico e cultural importante, o de que as mulheres sempre desempenharam o papel do cuidado. Concomitantemente, o conjunto de requisições apresentadas ao Serviço Social em sua gênese, de controle moral e social das classes mais pobres e da filantropia atrelada a igreja católica, determina esse processo de feminização do Serviço Social.

Como demonstra Iamamoto (2012), não era qualquer pessoa, que estaria apta para ser assistente social, porque era demandado um caráter missionário, devoto, de abdicar de si mesmo, e de se prestar a atender ao outro.

Para Iamamoto (2012, p. 221):

O Assistente Social deveria, assim: ser uma pessoa da mais íntegra formação moral, que a um sólido preparo técnico ali e o desinteresse pessoal, uma grande capacidade de devotamento e sentimento de amor ao próximo [...]. Deve ser dotado de outras tantas qualidades inatas, cuja enumeração é bastante longa: devotamento, critério, senso prático, desprendimento, modéstia, simplificando comunicatividade, bom humor, calma, sociabilidade, trato fácil e espontâneo, saber conquistar a simpatia, saber influenciar e convencer etc.

Neste sentido, as falas das entrevistadas encontram-se em concordância sobre a condição de gênero enquanto fator histórico no Serviço Social:

O que existe é a história do Serviço Social, porque a maioria [...] não conhece realmente o que que é o Serviço Social, o que vai ser feito, então tipo assim, como ele surgiu da caridade é por isso a frequência das mulheres, [...] eu acho que é porque a profissão surgiu dentro da Igreja certo, então quem ficava mais dentro da Igreja era as mulheres, elas nem trabalhavam naquela época, então eu acredito que é por isso, [...] porque naquela época ainda não tinha o que elas tinham visão de emprego, já era condição histórica mesmo, a mulher ficar por conta da casa, por conta do marido, por conta da Igreja (E I, 17/01/2023).

O Serviço Social é uma profissão histórica né, que isso já vem de muito antes, então já foi reconhecida desde antigamente, porque a mulher realmente já tomava parte dessa parte do Serviço Social e é uma condição histórica, então eu acho que as mulheres já acabam trabalhando assim, o Serviço Social é reconhecido como uma ajuda, como caridade, [...] eu acho que de início é destinado e as mulheres escolhem mais o curso devido a este sentido e o público masculino não escolhe tanto, por isso é bem menor (E IV, 24/01/2023).

[...] em se tratando do profissional a gente se trata da grande maioria ser do gênero feminino, então é algo que chama atenção né. Eu acho que ainda está muito ligada a questão do assistencialismo [...]. Eu acho que é um dado ligado mesmo a questão do assistencialismo, da caridade, do desejo de ajudar, eu acho que está muito ligado a isso. Quando você conversa com qualquer pessoa e fala que é assistente social e acho que é a primeira coisa que vem à mente de qualquer pessoa é isso né (E V, 31/01/2023).

Desta forma, é possível afirmar que, assim como no cenário global, o gênero feminino também é prevalente no Centro POP de Uberlândia/MG.

No tocante ao adoecimento das assistentes sociais do Centro POP, um ponto apresentado – que também pode ser elencado enquanto causa desta ocorrência – é a ausência de segurança que todas as assistentes sociais deste equipamento em Uberlândia/MG sentem durante o atendimento, que conforme explicitado no gráfico 5 – três (03) entrevistadas relatam frequentemente sentir

RECIMA21 - Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A QUESTÃO DE GÊNERO E A (IN)SEGURANÇA DO ASSISTENTE SOCIAL NOS CENTROS DE REFERÊNCIA À PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA
Letícia Alves Carvalho, Carla Denari Giuliani

insegurança no trabalho e duas (02) sempre sentirem. Tal fato, é testificado pelas falas transcritas a seguir:

[...] esses dias mesmo, fui puxar a ficha do cara, o cara tinha abusado de uma criança, ou seja, estava com um estuprador aqui dentro da sala, então assim a gente atende todo tipo de pessoa, aí você está aqui fechada com a pessoa conversando, querendo voltar ele para a realidade, se reingressar na sociedade, mas você não sabe se realmente a pessoa está aberta para isso, aí se ele virar e te meter a mão, como que você faz? Entendeu, aí é o risco do profissional, por conta do local que a gente trabalha, realmente é violação, [...] você fica fechado com o usuário, mas você fica meio preocupado, você tá todo fechado aqui, igual não tem uma pessoa ali, um segurança.

[...] eu já vejo que em relação ao risco mesmo que fica, de não ter segurança, de muitos que não conseguem trabalhar porque não são acostumados com esse tipo de público [...] (E I, 17/01/2023).

Eu acho que a dificuldade mais aqui é socialmente, mais a segurança aqui devido ao nosso atendimento, que são pessoas em situação de rua né [...] (EII, 17/01/2023).

[...] igual esse que eu atendi, eu me senti assim coagida, eu me senti pressionada e tipo eu não tinha segurança nenhuma entendeu [...] (EIII, 24/01/2023).

[...] por exemplo, a segurança do profissional, porque nem sempre isso é uma questão levantada, pensada, porque por exemplo, hoje nós temos aqui um atendimento de porta fechada, a gente trabalha pela ética, pelo sigilo das informações, mas a gente fica extremamente vulnerável, olha pra você ver o espaço físico aonde eu estou aqui, [...] o usuário entra e fica aonde você está, se ele levantar e me abordar neste lugar que eu estou aqui, eu não tenho para onde correr, se eu der um grito, talvez eu nem seja ouvida, porque olha a distância que eu estou talvez de uma pessoa vir me ajudar e me socorrer, entendeu [...] (E V, 31/01/2023).

Na tentativa de melhor elucidar esta questão sobre a segurança dos profissionais, visto as entrevistadas mencionarem o atendimento “de porta fechada” – conforme prevê a Resolução CFESS nº 493/2006 em seu artigo 3º – estas foram arguidas sobre o cumprimento da referida Resolução.

A Resolução CFESS nº 493/2006 dispõe sobre as condições éticas e técnicas do exercício profissional do assistente social e versa, dentre outros pontos, especialmente sobre o espaço físico, o local de atendimento, o material técnico e o sigilo profissional. Quanto à Classe 3 – Condições éticas e técnicas do exercício profissional do assistente social, foi possível assinalar que a maioria das entrevistadas informa que a Resolução tem sido parcialmente cumprida no Centro POP de Uberlândia/MG e questiona sobre o direcionamento da Resolução em relação a este tipo de atendimento, para pessoas em situação de rua.

Depois que o CRESS veio aqui, nem 10% foi, tem muita coisa aqui que ainda tem que consertar. Principalmente sigilo de documentos, eu acredito que aqui, documento é uma coisa muito assim, é um sigilo que deveria ter, a pessoa certa para poder ter na mão, porque fica de mão em mão aqui, mesmo prontuários também, você abre você lê o que está escrito ali e não são profissionais na área ali que atendem, que tá fazendo o serviço, são outros, é uma coisa que dependendo ou não a pessoa passa pra outra, isso é muito assim, aqui não tem, o sigilo não tem (E II, 17/01/2023).

Aqui é uma coisa que fico meio incoerente, porque a gente atende de porta fechada, mas na primeira oportunidade vai lá na sala, na frente, discute os casos para todo mundo ouvir, eu acho incoerente, mas enfim. Então eu diria que a resolução é cumprida em partes, a questão do sigilo, no atendimento, a pessoa fica revitimizada, ela conta a história na recepção, todo mundo que está lá fora ouve, depois ela vem aqui conta, eu acho que nessa parte ainda está falho (E III, 24/01/2023).

Em partes, não são cumpridos todos, descumprido por exemplo na questão do sigilo, no nosso projeto de ética fala que só a gente pode ter acesso ao prontuário dos nossos usuários e os meninos ainda tem, da recepção, eles tem acesso, lê,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A QUESTÃO DE GÊNERO E A (IN)SEGURANÇA DO ASSISTENTE SOCIAL NOS CENTROS DE REFERÊNCIA À PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA
Letícia Alves Carvalho, Carla Denari Giuliani

entendeu, não é uma coisa assim, tá na rede e todo mundo tem acesso, eu não sei se foi bem orientado, então neste ponto eu acho que é errado, mas algumas coisas que eles falaram na época que eu não também não sabia, não tinha conhecimento, que tinha que atender de porta fechada, essas coisas eu também não tinha conhecimento, aí passou a atender, algumas demandas que eles pediram realmente foram cumpridas, aí outras, nestes pontos ainda precisa ser melhorado. Como agora os prontuários estão sendo todos na rede está sendo muito novo, eu acho que assim, tem que ter um ambiente mais seguro, está muito instável, não concordei muito com essa parte de colocar no sistema não, porque muitas coisas sumiram, tem prontuário que você não vai achar, então assim, tem que ter uma segurança maior e uma privacidade dos dados para o assistente social, porque é ele que tem que ter acesso ao prontuário deles, eu acho que tem coisas que não deve saber uma pessoa que não é técnica (E IV, 24/01/2023).

Então, eu acho que tem aí algumas coisas que precisam melhorar sim, hoje assim a questão do atendimento de porta fechada, eu acho que isso hoje é algo mais concreto do que antes, eu acho que é bom porque as vezes a gente vai se adequando ali ao local e a rotina de trabalho que talvez a gente até deixa passar algumas coisas, então é interessante que a gente tenha esses momentos de ter visita, de relembrar algumas coisas, de organizar, de repensar, agora eu sempre falo que a teoria ela é linda, ela é maravilhosa, só que nós precisamos trazer isso para baixo e entender algumas questões e alguns pontos, por exemplo, a segurança do profissional, porque nem sempre isso é uma questão levantada, pensada, porque por exemplo, hoje nós temos aqui um atendimento de porta fechada, a gente trabalha pela ética, pelo sigilo das informações, mas a gente fica extremamente vulnerável (E V, 31/01/2023).

As demandas provenientes das mudanças sociais, tecnológicas e das novas formas de organização do trabalho estão presentes em todas as realidades de trabalho. O trabalho dos assistentes sociais, como profissão inserida na divisão social, técnica (e sexual) do trabalho, sofre transformações em seu processamento, alterando significados e conteúdos, com consequências deletérias na vida e na saúde de profissionais, em virtude das exigências colocadas no cotidiano da profissão. Conforme Raichelis (2011) aponta, “o processamento do trabalho de assistentes sociais está se realizando cada vez mais em meio à violência e em condições precárias (de contratos, de salários e de meios) e as queixas de sofrimento têm sido cada vez mais frequentes”.

Afirma Dejours (1991) que apesar de o trabalho conferir caráter construtor à vida do homem, se realizado em condições precárias pode se tornar gerador de doenças. Tendo o trabalho como fonte de prazer e sofrimento, o trabalhador reage de forma individual às condições em que ele é realizado. Uns adoecem; outros não. Uns sofrem mais; outros, menos. Tudo ocorre com base na subjetividade individual.

Vicente (2015) assinala que a ofensiva neoliberal traz constrangimentos e viola direitos que tem impactos diretos na vida e no trabalho dos profissionais assistentes sociais. Esses constrangimentos se apresentam de diferentes formas, como o assédio no trabalho, a ameaça iminente à vida, a exposição à riscos, à integridade, dentre outros. Como resultado da exposição a esses constrangimentos, indica as manifestações físicas e mentais que são mais recorrentes, como distúrbios de sono, medo e crises de choro, sentimento de impotência, depressão, angústia, ansiedade, fadiga e alterações de metabolismo.

Além de sofrer as consequências da divisão sociotécnica do trabalho, as exigências postas pelo mercado de trabalho na contemporaneidade têm sérios reatamentos na vida e na saúde dos assistentes sociais: o trabalho cotidiano sendo realizado em meio à violência e em condições



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A QUESTÃO DE GÊNERO E A (IN)SEGURANÇA DO ASSISTENTE SOCIAL NOS CENTROS DE REFERÊNCIA À PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA
Letícia Alves Carvalho, Carla Denari Giuliani

instáveis e pouco satisfatórias tornam os assistentes sociais afetados transversalmente e as queixas de adoecimento mais recorrentes (VICENTE, 2015).

Além disso, para os profissionais que atuam no SUAS – com o seu surgimento em 2005 e um considerável aumento nas requisições de profissionais do Serviço Social – esta expansão não foi capaz de assegurar melhores condições de trabalho, o que acirra o adoecimento físico e psíquico dos profissionais. Na perspectiva do assistente social, como trabalhador assalariado, observa-se que ele sofre com violação de direitos, configuração inadequada de seus espaços sócio-ocupacionais e são submetidos a aceitar determinadas condições de trabalho para não deixar seus usuários sem atendimento, onde os impactos dessas ações são de longo prazo na vida do profissional.

Esse processo se agudiza quando se trata dos trabalhadores que estão diariamente expostos às situações limites, como é o caso dos profissionais que lidam diretamente com as expressões da questão social – dentre elas cita-se o trabalho com pessoas em situação de rua – onde encontram-se usuários fragilizados, com direitos sociais violados, em risco pessoal e/ou social e onde há necessidade de resposta às demandas em um momento de redução e sucateamento das políticas públicas.

Nessa mesma direção, Santos; Manfroi (2012) reforçam que o crescimento da demanda, aliado à falta de condições de trabalho nas instituições, tem acarretado inúmeros problemas de saúde aos profissionais. Os problemas são de ordem física, tais como dores, hipertensão, cansaço, doenças profissionais e também emocionais, como frustração, desânimo, angústia, ansiedade, insônia, decorrentes das condições de trabalho e da própria precariedade das instituições. Esse crescente adoecimento profissional se deve à insegurança desencadeada pelas alterações, seja no mundo do trabalho, seja nas políticas sociais, decorrentes do neoliberalismo (SANTOS; MANFROI, 2012, p. 249).

Na contemporaneidade, apesar das inegáveis transformações e avanços ocorridos na profissão – tais como o reconhecimento da assistência social como política pública (na Constituição Federal de 1988), a aprovação da Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS (1993), o Código de Ética profissional (1993) e o Projeto Ético-Político – nota-se a marca do perfil feminino que acompanhou a constituição da profissão e do seu percurso histórico, no sentido de que as mulheres ainda são responsáveis por “prestar a assistência”, reforçando a reprodução acrítica de um padrão sexual em que se privilegia a posição do homem em detrimento da mulher.

Somado a isso, nota-se, como destaca Silva e Silva (2013), que há maior número de relatos de adoecimento e sofrimento nas profissionais do sexo feminino, a qual pertence maioria dos profissionais de Serviço Social. Isso se dá devido a divisão social e sexual do trabalho, cuja relação se dá no fato de que mulheres assistentes sociais tem dupla jornada com excesso de carga horária, dividindo seu tempo profissional com os afazeres domésticos e as precárias condições de trabalho impostas pelo capital, o que proporciona ainda mais sofrimento a estas profissionais.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A QUESTÃO DE GÊNERO E A (IN)SEGURANÇA DO ASSISTENTE SOCIAL NOS CENTROS DE REFERÊNCIA À PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA
Letícia Alves Carvalho, Carla Denari Giuliani

CONSIDERAÇÕES

A partir deste estudo, foi possível depreender que a realidade do profissional assistente social é composta e fortemente marcada pelas relações de gênero e que conseqüentemente tal situação implica sobre as condições de dominação que as mulheres experimentam, seja no contexto doméstico, nos demais espaços da sociedade e principalmente no trabalho.

Partindo dos dados obtidos, constatou-se que em muitos campos de trabalho do assistente social, em especial nos Centros de Referência à Pessoa em Situação de Rua, inúmeras são as dificuldades que esse profissional presencia e vive durante o exercício de sua prática e que diariamente os seus direitos têm sido violados.

O estudo permitiu aprofundar os conhecimentos acerca da saúde do trabalhador, da assistência social e os fatores que influenciam o adoecimento dos profissionais que atuam na área. Espera-se que mais pesquisas sejam realizadas nesta linha de investigação a fim de comprovar a importância destes profissionais e a necessidade de prestar assistência à sua saúde física e psicológica.

Aponta-se que a Saúde do Trabalhador é uma área que precisa ter maior visibilidade, promovendo e estimulando os assistentes sociais que buscam aprender sobre o contexto laboral no qual estão inseridos. Além disso, que os profissionais que atuam no SUAS, na contramão do movimento societário nacional e internacional, sejam legitimadores de um Estado que recupere a capacidade de direção política e reconstrua as bases de legitimidade social junto à população, recusando-se, portanto, qualquer padrão minimalista para seu funcionamento – o que exclui a possibilidade de ampliação de serviços sociais públicos em detrimento da precarização do trabalho e da terceirização/privatização dos serviços públicos e dos seus operadores (RAICHELIS, 2010, p.769).

REFERÊNCIAS

BORGES, Maria Alice Pereira. **Serviço Social e a discussão de gênero**: algumas aproximações. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. (II Seminário Nacional de Serviço Social, Trabalho e Políticas Sociais).

CISNE, Mirla. **Serviço Social: uma profissão de mulheres para mulheres?**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

CONSELHO REGIONAL DO SERVIÇO SOCIAL. **A diversidade e a força das mulheres do Serviço Social**. São Paulo: CRESS, 2015. Disponível em: <http://cress-sp.org.br/a-diversidade-e-a-forca-das-mulheres-do-servicosocial/#:~:text=As%20mulheres%20s%C3%A3o%20a%20maioria,sociais%20e%20>. Acesso em 05 maio 2023.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez/Oboré, 1991.

FAURY, Mirian. Feminismo e Serviço Social. **Cadernos de Serviço Social FSS/PUC - Campinas**, Campinas, ano VIII, n. 13, p. 7-21, 1998.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A QUESTÃO DE GÊNERO E A (IN)SEGURANÇA DO ASSISTENTE SOCIAL NOS CENTROS DE REFERÊNCIA À PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA
Letícia Alves Carvalho, Carla Denari Giuliani

FERREIRA, M. C.; MENDES, A. M. Contexto de trabalho. *In*: SIQUEIRA, M. M. M. (Org). **Medidas do comportamento organizacional**: ferramentas de diagnóstico e gestão. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 111-23.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, 2008.

GOMEZ, Carlos Minayo; COSTA, Sônia Maria da Fonseca Thedim. A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 21-32, 1997.

IAMAMOTO, Marilda V. **O Serviço Social na Contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

IAMAMOTO, Marilda V. **Serviço Social em tempo de capital fetiche**: capital financeiro, trabalho e questão social. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Censo Brasileiro de 1980, 1990 e 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

MANO, Maíra Kubik. As mulheres desiludidas: de Simone de Beauvoir à “ideologia de gênero”. **Cadernos Pagu**, Salvador, n. 56, 2019.

MOTA, Daniel Pestana. Direito, Trabalho e Saúde: uma equação possível? *In*: VIZZACCARO-AMARAL, A. L.; MOTA, D. P.; ALVES, G. (Org). **Trabalho e Saúde**: a precarização do Trabalhador e a Saúde do Trabalhador no século XXI. São Paulo: LTR, 2011, p. 21-36.

RAICHELIS, Raquel. Intervenção Profissional do assistente social e as condições de trabalho no Suas. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 104, p. 750-772, out./dez., 2010.

RAICHELIS, Raquel. O trabalho e os trabalhadores do SUAS: o enfrentamento necessário na assistência social. *In*: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e combate à Fome. **Gestão do Trabalho no SUAS**: uma contribuição necessária. Brasília: Secretaria de Nacional de Assistência Social, 2011.

SANTOS, F. M. dos. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. **Revista Eletrônica de Educação**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 383–387, 2012. DOI: 10.14244/%19827199291. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291>. Acesso em: 5 maio 2023.

SANTOS, M. T. dos; MANFROI, V. M. Expansão e precarização: o mercado de trabalho dos assistentes sociais em Santa Catarina. **Revista Em Pauta**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 30, p. 233-252, 2012.

SILVA, L. M. P.; SILVA, L. S. da. As mulheres assistentes sociais: adoecimento e sofrimento em tempos de reestruturação produtiva. *In*: **Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais**, Belo Horizonte, 2013.

VICENTE, D. Desgaste mental de assistentes sociais: um estudo na área da habitação. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 123, p. 562-581, jul./set. 2015.